

Quinho e o seu cãozinho

Esta cidade é minha

6

Laé de Souza





**PROJETO
LER É BOM,
EXPERIMENTE!**

QUINHO E O SEU CÃOZINHO ESTA CIDADE É MINHA



MINISTÉRIO DA
CULTURA



O GRUPO PROJETOS DE LEITURA desenvolve várias atividades e projetos de incentivo à leitura em todo o Brasil. São ações em escolas públicas, praças públicas, parques, ônibus metrô, aeroportos, hospitais e doação de livros para instituições filantrópicas.

Em mais uma ação para facilitar o acesso à leitura, os livros do escritor Laé de Souza, utilizados nos projetos do grupo, são disponibilizados, gratuitamente, em pdf.



SINOPSE

No aniversário da cidade, Quinho, inconformado com a sua escola fora dos festejos, convence a diretora e colegas a recuperar os instrumentos e ensaiar para que participem com a fanfarra da comemoração. Não satisfeito chama os colegas para embelezar o muro da escola e, por ideia de Bia, reformam uma praça.

Laé de Souza, em clima de descontração e graça, traz a garotada, personagens presente em outras obras, para mais uma divertida história com muita emoção.



Copyright © Laé de Souza
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Souza, Laé de
Quinho e o seu cãozinho – Esta cidade é minha
Laé de Souza - 1ª edição - São Paulo - SP
Editora Ecoarte, 2023

ISBN: 978-65-87609-02-7

1. Amizade – Literatura infanto-juvenil
2. Escola – Literatura infanto-juvenil

23-142831

CDD-28.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantil 28.5
2. Literatura infantojuvenil 28.5

Aline Grziele Benitez – Bibliotecária – CRB 1/173129

Autor: Laé de Souza
Revisão: Álvaro Ricardo de Mello Gouveia Veiga
Copidesque: Fabio Laé
Capa e ilustrações: Finalmentearte
Fotografia: MarluCIA Laé
Assessoria Editorial: G2R Comunicação

www.projetosdeleitura.com.br
contato@projetosdeleitura.com.br
WhatsApp: (11) 95272-9775
Facebook: facebook.com/projetosdeleitura

Quando estava chegando à escola, Nick encontrou Quinho e lhe contou que um amigo dele iria, com a escola em que ele estudava, desfilar na avenida em comemoração ao aniversário da cidade. “A nossa escola bem que poderia participar, não acha Quinho?” questionou Nick.

Quinho concordou e, dada a urgência, avisaram aos colegas que no intervalo das aulas se encontrassem para conversar sobre um assunto importantíssimo.

Reuniram-se e aprovaram a ideia. E, antes, mesmo do término do recreio, foram todos conversar com a diretora da escola.





A secretária quando viu aquele monte de alunos querendo falar com a diretora, falou que ela não poderia atender naquele momento e depois chamaria um deles para conversar com ela. Quinho argumentou que era urgente e aguardariam até ela poder atender. Dona Anita, a diretora, apareceu na recepção para ver o que ocorria e, estranhando e curiosa, mandou que entrassem na sala da diretoria que ficou lotada com a turminha.

Quinho expôs o caso e falou que eles queriam participar da festa de aniversário da cidade com a fanfarra. “Temos de participar!”, falaram em coro.

Dona Anita falou que ela também adoraria participar com a escola, mas que alguns instrumentos da fanfarra estavam quebrados e outros sem condição de uso. Que ficasse para o próximo ano. Os garotos insistiram em participar e, Horácio teve uma brilhante ideia: – Meu tio Peleco toca em uma Escola de Samba e é ele quem conserta os instrumentos. Tenho certeza que, se eu pedir, ele vai ajudar a consertar tudo para nós.

As crianças vibraram com a solução, e a diretora concordou desde que, após falar com o senhor Peleco, ele viesse conversar com ela para que ficasse tudo certinho.

Foram para a sala já combinados que, logo terminassem as aulas, iriam, em grupo, à casa do Tio Peleco.





Assim que bateu o sinal, saíram correndo seguindo o Horácio rumo à casa do senhor Peleco. Chegando lá ele recebeu os garotos com um largo sorriso: – Estão sumidos, meus pequenos companheiros – falou ele, abraçando uns e passando a mão na cabeça de outros. O Tio Peleco, assim também chamado pela garotada, já era um velho conhecido deles e já ajudara a turminha em outras aventuras.

Tomando conhecimento do que se tratava, Tio Peleco não só se prontificou a ajudar como, na hora, preparou um lanche, colocou todos na sua Van e tomaram rumo à escola para conversar com a diretora.

Chegando à escola, a diretora solicitou que antes da conversa o Peleco fosse ver a situação dos equipamentos. E assim se fez. Ele foi com a garotada e encontrou a situação bem complicada. Os instrumentos estavam empilhados e armazenados de qualquer jeito. “Vamos ter que espalhar um pouco para ver. Mão na massa todo mundo, vamos lá!” disse Peleco.

– Vou sujar as minhas mãos nessa poeira, aí? Tá de brincadeira – cochichou Charles para o Fabrício, mas mesmo a contragosto ajudou na separação das coisas.

Depois de espalhados os instrumentos Peleco deu o resultado: – Tem instrumentos quebrados pelo uso e pela falta de cuidado. Vocês vão ter que me ajudar, e muito, para ficar tudo em ordem.

Charles balançou a cabeça e resmungou: – Nós vamos ajudar? Tá de brincadeira.





Bia foi a primeira a levantar a mão dizendo que ajudaria, Quando Nick falou que também, o passarinho Chiu voou perto do seu ouvido cochichou, tendo o garoto falado para o Tio Peleco: – O Chiu disse que também vai ajudar. Tio Peleco deu uma gargalhada e falou: – De novo essa conversa de que esse teu passarinho fala, Nick? – Todos caíram na risada, exceto Nick e a sua irmã Bia que sabiam que o passarinho falava com o Nick, sim.

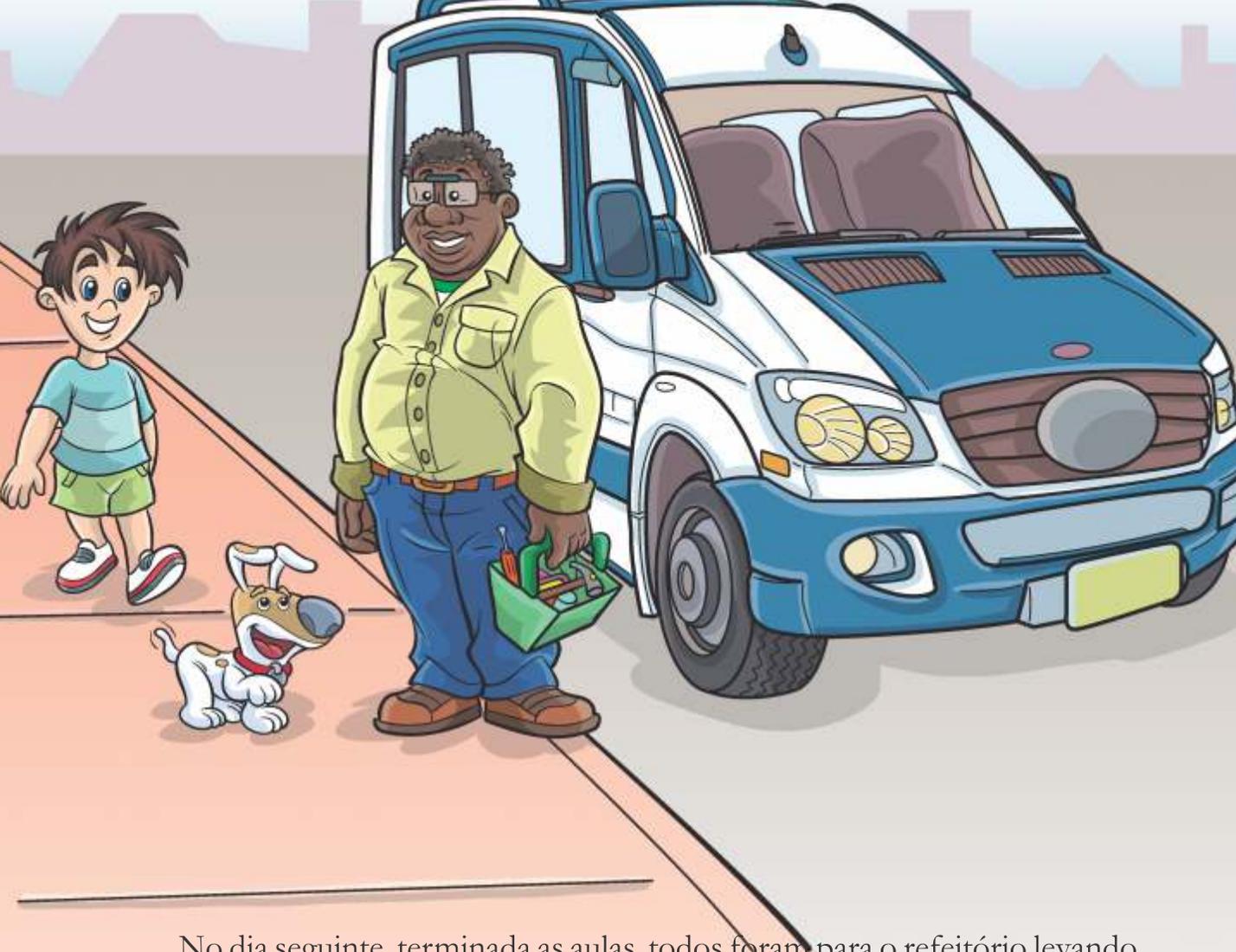
Por fim todos concordaram, até o Charles, não sem antes resmungar: “Já que todo mundo vai, também vou. Tá de brincadeira”, e assim foram para a sala da diretora.

Chegando à sala, apresentou-se como Peleco, e a diretora pediu que ele falasse o nome, pois ela não apreciava chamar as pessoas por apelidos: – Bom, professora, meu nome é Gilvanci, mas ninguém me chama assim. O que estou acostumado, mesmo é ser chamado de Peleco – e deu uma risada.

Peleco confirmou que consertaria os instrumentos e a diretora o alertou que a coisa era séria, pois ela iria se comprometer com a comissão de festividades: “Fique tranquila, que com a ajuda de Deus dará tudo certo!”, e saiu com a garotada para acertar os detalhes do início dos trabalhos no dia seguinte. Lá fora, avisou: – Vai ser trabalho duro viu turma!

– Será que nós vamos conseguir? – perguntou Isabela, assustada, e todos caíram na risada.





No dia seguinte, terminada as aulas, todos foram para o refeitório levando a sua marmita. Até Quinho que morava perto da escola preferiu fazer o mesmo para não perder tempo. Após comer, foi até o portão de entrada esperar o Tio Peleco e também o seu cãozinho Radar que, autorizado pela diretora, entraria na escola. O cãozinho, muito esperto e já conhecido da meninada, segundo Quinho também iria ajudar.

Quando Peleco chegou, descarregaram a Van com peças e ferramentas que ele trouxe, levaram os instrumentos quebrados para uma sala vazia, onde iriam trabalhar. Com tábuas, orientados por Peleco e Quinho, que tem conhecimento escoteiro, improvisaram umas bancadas e a sala ficou parecendo uma oficina.

Peleco fazia a parte mais difícil e os ajustes, enquanto, sob sua orientação, os garotos retiravam parafusos, lubrificavam, trocavam pequenas peças. Quando surgiam dúvidas ou uma peça que mesmo com desengripante continuava emperrada, chamavam o Tio Peleco para que com sua força e experiência desse um jeito.

Assim, as bancadas dos garotos ficaram repletas de cornetas, trombones, caixas de repique, surdos e outros instrumentos, peças e ferramentas para o trabalho. Depois de pronto o serviço, o instrumento era inspecionado por Peleco, afinado pelo Quinho e colocados em uma bancada na qual Bia colou um cartaz, que ela preparou em casa, escrito “Prontos para a Fanfarra”.

O cãozinho Radar brincava dando cambalhotas, mas atendo, ao cair de uma chave de fenda, corria para pegá-la ou para encontrar um parafusinho perdido no chão.





Alguns dias de trabalho e tudo arrumado, Peleco falou: “Agora, cada um pegue o seu instrumento e vamos fazer barulho”. Assim se fez. Quinho pegou o surdo; Nick, o bumbo; Horácio, a tuba, e cada um o seu e, após os primeiros testes individuais para conhecer os instrumentos, seguindo o som do surdo, começaram a tocar.

Mal iniciaram, chegou a diretora falando: “Podem parar tudo!”, no silêncio, continuou “Senhor Gilvanci, agradeço a sua ajuda, mas vamos cancelar nossa participação no desfile, porque o professor que iria ensaiar com os alunos não poderá mais”.

Isabela abriu um berreiro, uns balançavam a cabeça, Quinho sentou-se no chão, triste, e o Radar pulou no seu colo para consolá-lo.

– E agora Tio Peleco, como vai ficar? – questionou Nick.

– Só tem um jeito, Tio Peleco. Do jeito que você faz com o pessoal da Escola de Samba, vai ensaiar a gente – falou Horácio.

Quinho levantou-se e falou “Ajuda a gente de novo Tio Peleco”, Radar correu, em pé, em duas patas, à frente do Peleco, como que pedindo para ele aceitar.

– Garotada, vocês estão me deixando num beco sem saída – falou Peleco – e dirigindo à diretora complementou – Dona Anita, não cancela nada não, libera a quadra que eu vou deixar essa turminha supimpa para o desfile.

– Uhull! – gritaram os garotos, enquanto o Radar latia e dava cambalhotas.





A diretora concordou e alertou: “Cuidado, senhor Gilvanci, que a responsabilidade é grande, não me deixe em situação difícil”

– Fique tranquila, professora, essa turminha é boa. – falou Peleco e, dirigindo-se à garotada, continuou: – Pessoal, já que agora sou o comandante, vamos ter algumas regras. Todos os dias estarei aqui às 2 horas, da tarde, hem? Avise aos outros colegas que, ao chegar, quero todos na quadra com os seus instrumentos ajeitados, sem atraso e sem falta, porque o tempo é curto. Enquanto eu não chegar, Quinho estará no comando. Alguma dúvida?

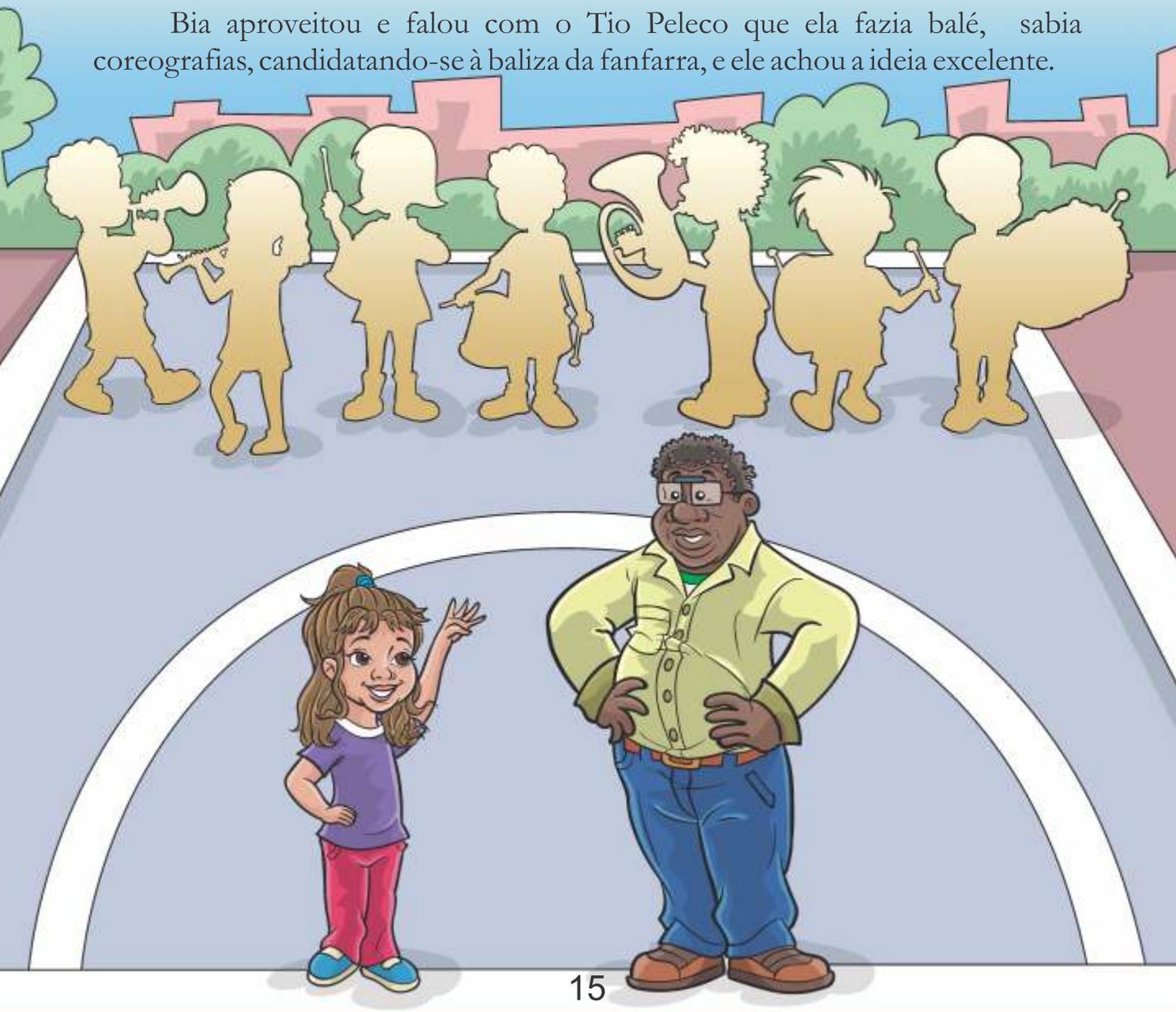
– Agora que o Quinho vai querer mandar mais ainda. Tá de brincadeira! – cochichou Charles para o Fabrício.

Aplaudiram e saíram combinados de avisar aos colegas da boa notícia e que se preparassem para os ensaios a partir do dia seguinte.

Peleco chegou no horário combinado e encontrou a quadra lotada de alunos que participariam da fanfarra. Cada qual com o seu instrumento que foram distribuídos por Quinho, fazia a sua zoadá.

Peleco deu as primeiras orientações e começaram o ensaio. Duas horas depois ele encerrou o treino e indicou alguns que deveriam continuar para um exercício individual. Dispensou os demais falando que seguissem as ordens de Quinho para a guarda dos instrumentos e que no dia seguinte, continuariam no mesmo horário.

Bia aproveitou e falou com o Tio Peleco que ela fazia balé, sabia coreografias, candidatando-se à baliza da fanfarra, e ele achou a ideia excelente.





A professora de Educação Física, que também lecionava Ginástica Artística prontificou-se a treinar Bia para as coreografias. Durante os ensaios o cãozinho Radar, bem sabemos da sua vivacidade, marchava ao som dos instrumentos e vez ou outra de pé, com as patinhas dianteiras fingia tamborilar, como a bater o surdo e fazia malabarismos. Tio Peleco ao ver aquilo, falou para a garotada: – Esse cãozinho é admirável! Vamos levá-lo no dia do desfile – A garotada assoviou e gritou “Radar! Radar!”.

– Precisa ver se a Dona Anita irá concordar com isso. Esse Tio Peleco tá de brincadeira – falou Charles para o Nick.

– Concordará, sim, irá embelezar mais a nossa fanfarra – respondeu Nick.

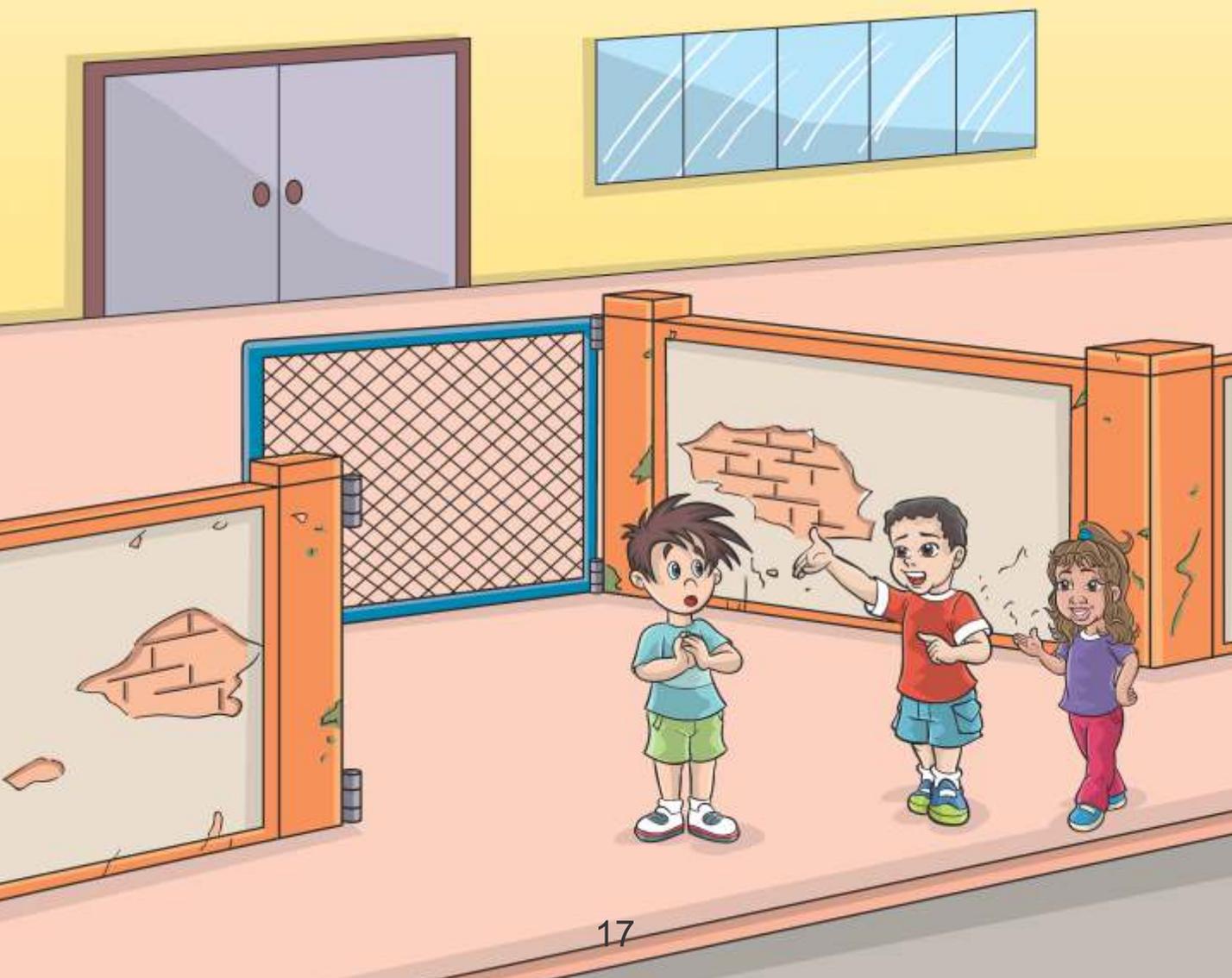
No dia seguinte, ao entrar na escola, Quinho encontrou Nick e Bia e os convidou para ir com ele até fora. Chegando lá, falou: – Eu estou achando esse muro muito feio para o aniversário de nossa cidade, concordam?

– Também acho, mas no que você está pensando? – questionou Bia.

Nick também concordou e acrescentou: – Te conhecendo bem, você está pensando em alguma coisa, Quinho. Fala logo, vai!

– Verdade! Acho que nós podemos dar um jeito nisso. Vamos ver com os nossos colegas quem aceita ajudar para deixar esse muro bonitinho como a nossa escola merece. Vocês vão comigo falar com a diretora se ela consegue o material?

– Calma Quinho! Melhor ver se o pessoal aceitará ajudar – falou Nick.





Avisaram aos colegas que no intervalo se encontrassem próximo da cantina que o Quinho queria conversar com eles. Reunidos, Quinho falou-lhes da ideia de precisar da ajuda deles. “Faremos isso todos os dias após os ensaios. Quem se propõe a ajudar?”, perguntou.

– Todo dia tem ensaio da fanfarra, quase sempre ficamos sem intervalo com essas reuniões e agora ainda quer pintar o muro da escola? Tá de brincadeira! – falou Charles com o Fabrício.

Concordaram e Quinho pediu que convidassem colegas que fossem bons em desenhos para grafitar o muro e logo ao término do ensaio se reuniriam novamente para planejar o trabalho.

Foram falar com a diretora, que os vendo exclamou “De novo vocês? Qual a novidade desta vez?”.

Dona Anita, após ouvir, anunciou que não poderia ajudar muito, mas que o faria com um pouco para as tintas.

Terminado o ensaio da fanfarra, reuniram-se os que se propuseram a ajudar. Desenhistas vieram quatro, mais Nick e Horácio que já tocavam na fanfarra.

Quinho explicou como seriam as atividades: – Nós vamos lixar, preparar a parede com um fundo branco. Bia pintará a moldura nos vãos, e os artistas, aqui, pintarão os grafites. São vinte e dois vãos de coluna em coluna, medindo, cada um, seis metros. Nick e Horácio, que tocam na fanfarra, farão três, e os quatro colegas, quatro desenhos cada um. Vou tentar obter os materiais para iniciar os trabalhos amanhã, enquanto isso nossos amigos farão os esboços dos desenhos para ver a sequência no muro. Eles farão um desenho a mais para escolhermos os três ou quatro de cada um.

– Lixar parede com estas mãos? Tá de brincadeira – falou Charles para Fabrício.





Da escola, Quinho, Nick, Bia e o cãozinho Radar foram direto para o depósito de material de construção do senhor Zequinha. Explicaram o que ocorria e conseguiram um bom desconto. Abatido o valor recebido da diretora, ainda faltava. Quinho falou que rolos e pincéis largos não precisariam, pois o seu vizinho, pintor, cederia e que ele iria tentar arrecadar a diferença. Senhor Zequinha deduziu da conta os valores das lixas, “sprays” e pinceis finos que seriam doação dele.

Conseguiram o que precisavam com alguns comerciantes e até o pipoqueiro contribuiu com um pouquinho, mas ajudou. Assim, no dia seguinte todo o material estava na escola, e a turminha pôs mãos à obra.

Uma parte do muro que estava sem reboco, Tio Peleco trouxe material de sua casa e consertou. Trouxe mais alguns rolos de pintura, uma escada e falou: “vou dar uma força para vocês”, e, após os ensaios da fanfarra, ajudava na pintura.

Quando os garotos trouxeram os esboços dos desenhos fizeram votação para escolher os que iriam utilizar. Quinho e Nick determinaram a sequência dos desenhos no muro, sendo que o vão da entrada da escola ficaria em branco para pintar só no final por Nick. Queriam ver o desenho, mas Quinho falou que só veriam depois de todo o muro grafitado.

Horácio, já com experiência em grafitar, deu algumas instruções aos nossos artistas e logo começou a aparecer as primeiras pinturas que, assim que prontas e secas, eram cobertas com lonas cedidas por Tio Peleco.



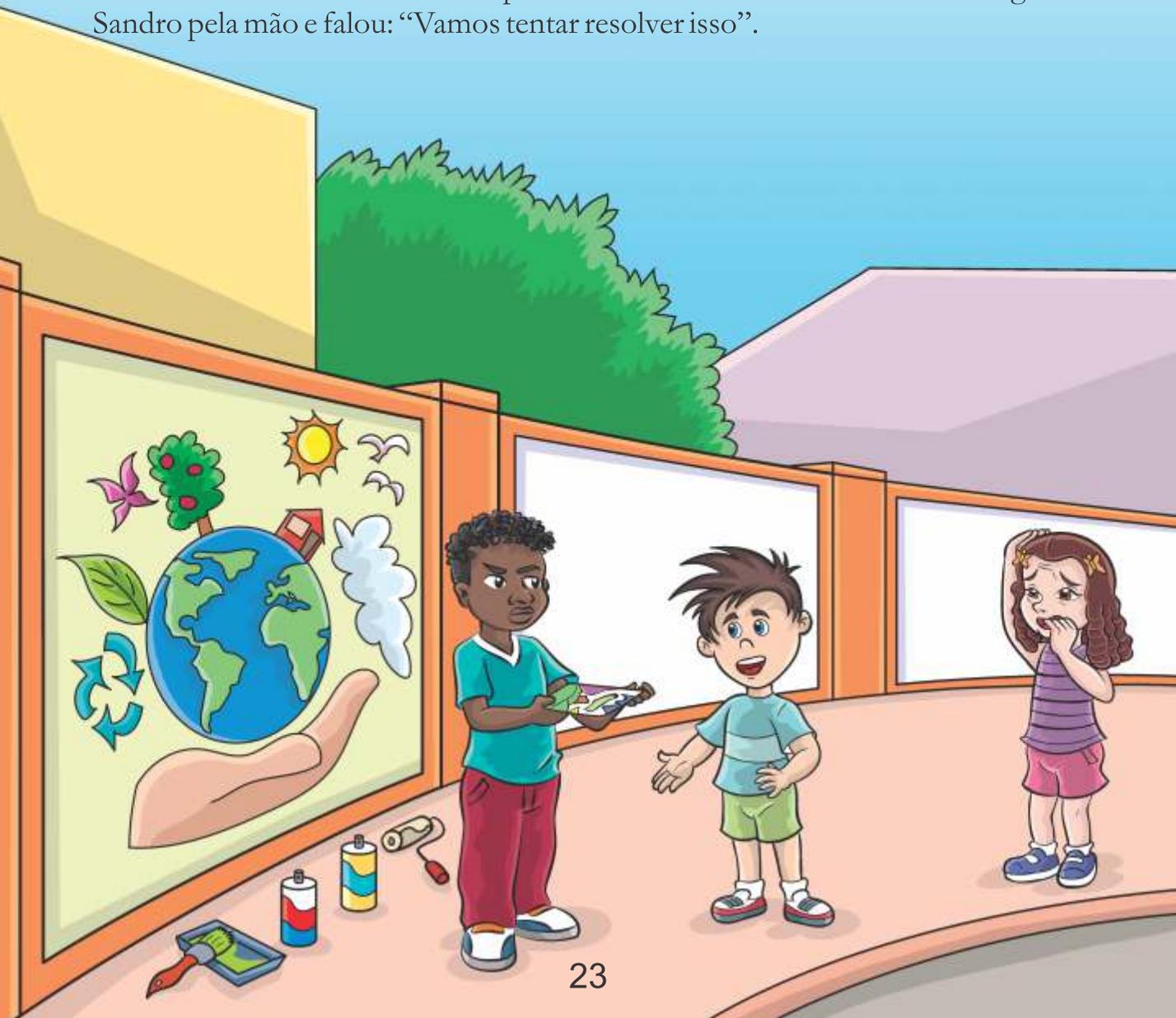


Nick chegou para o ensaio da fanfarra acompanhado de um garoto e chamou Quinho a quem apresentou Juraci, amigo que estudava na outra escola que iria participar dos festejos com a fanfarra.

– Foi por ele que fiquei sabendo do evento comemorativo. Ele tomou conhecimento pelas redes sociais da pintura que estamos fazendo no muro de nossa escola e quer ver se você explica como funciona, pois pretende fazer na escola dele também – falou Nick.

Quinho explicou como fizeram o planejamento, e Juraci perguntou se aquele vão da entrada ficaria branco, uma vez que os outros para um lado e outro já estavam sendo pintados. Quinho falou que seria o último e, mesmo com insistência de Juraci, ele não falou como seria. Juraci tirou algumas fotos, agradeceu e disse “Acho que meus colegas vão querer fazer isso, também”.

Um problema sempre acontece, sabemos. Desta vez o que surgiu foi que os pais de um dos desenhistas precisavam viajar por uma semana, e o Sandro, que ainda faltava desenhar dois vãos, teria que paralisar o trabalho para ir com eles. Isabela com as mãos na cabeça falava: “E agora! E agora!”. Uns falavam que não adiantava ele iniciar porque iria parar no meio e ficaria pior. Outros opinavam que Nick e Horácio deveriam faltar ao ensaio da fanfarra e pintar o que faltava. O garoto, triste, falava que queria tanto fazer os desenhos. Quinho decidiu que falassem com o Tio Peleco do imprevisto e iniciassem o ensaio sem ele. Pegou o Sandro pela mão e falou: “Vamos tentar resolver isso”.





Foram os dois até a casa de Quinho e depois até a casa do garoto e conversaram com a mãe dele. Voltaram rapidamente para a escola e, na quadra, Tio Peleco que estava no surdo, substituindo Quinho, parou e perguntou: – E aí, garotos, vão parar a pintura do muro e não vão ensaiar mais?”

– Nem uma coisa nem outra Tio Peleco. Falamos com a minha mãe e a mãe do Sandro, e ele ficará lá em casa até que ela retorne. Ele vai para a pintura e me dá aqui o meu surdo. – falou Quinho.

Aplaudiram e assobiaram, Sandro foi continuar o desenho, Quinho pegou o surdo e deram continuidade aos ensaios.

Na sexta-feira, no final da tarde, o muro estava todo desenhado e uma vizinha trouxe um latão com suco de goiaba para a garotada. Enquanto admiravam o trabalho, Charles falou para Fabrício: “Tudo muito bonito, mas a entrada está toda branca porque até agora o Nick não fez o desenho. Tá de brincadeira!” mal sabendo ele, do combinado entre Nick e Quinho.

No sábado e no domingo foram só os dois, Quinho como ajudante e Nick fazendo o desenho, grafitando e escrevendo no vão da entrada da escola. Terminada a pintura, cobriram com lona, como o restante, que só seria retirada na inauguração “oficial” da pintura do muro, na segunda-feira.





Chegando à escola, Quinho, Nick e Bia foram falar com a diretora que o muro estava pronto. Ela, junto com os três, foi até a sala dos professores e os pediu que avisassem aos alunos que logo após o intervalo fossem para a entrada da escola para a inauguração da pintura.

Guardas fecharam a rua impedindo passagem de carros, o monitor de alunos instalou o equipamento de som, uma turminha retirou a lona de todo o muro deixando somente coberto o vão da entrada. Após o intervalo os alunos foram chegando e, enfileirados, ocuparam a rua em frente à escola até a praça. Após o canto do hino nacional e palavras de agradecimento da diretora aos alunos, retiraram a lona da entrada e lá, como num quadro estava escrito: “Aqui estudaram meus pais, meus tios, meus irmãos e agora estudo eu. Esta escola é nossa!”, e todos aplaudiram.

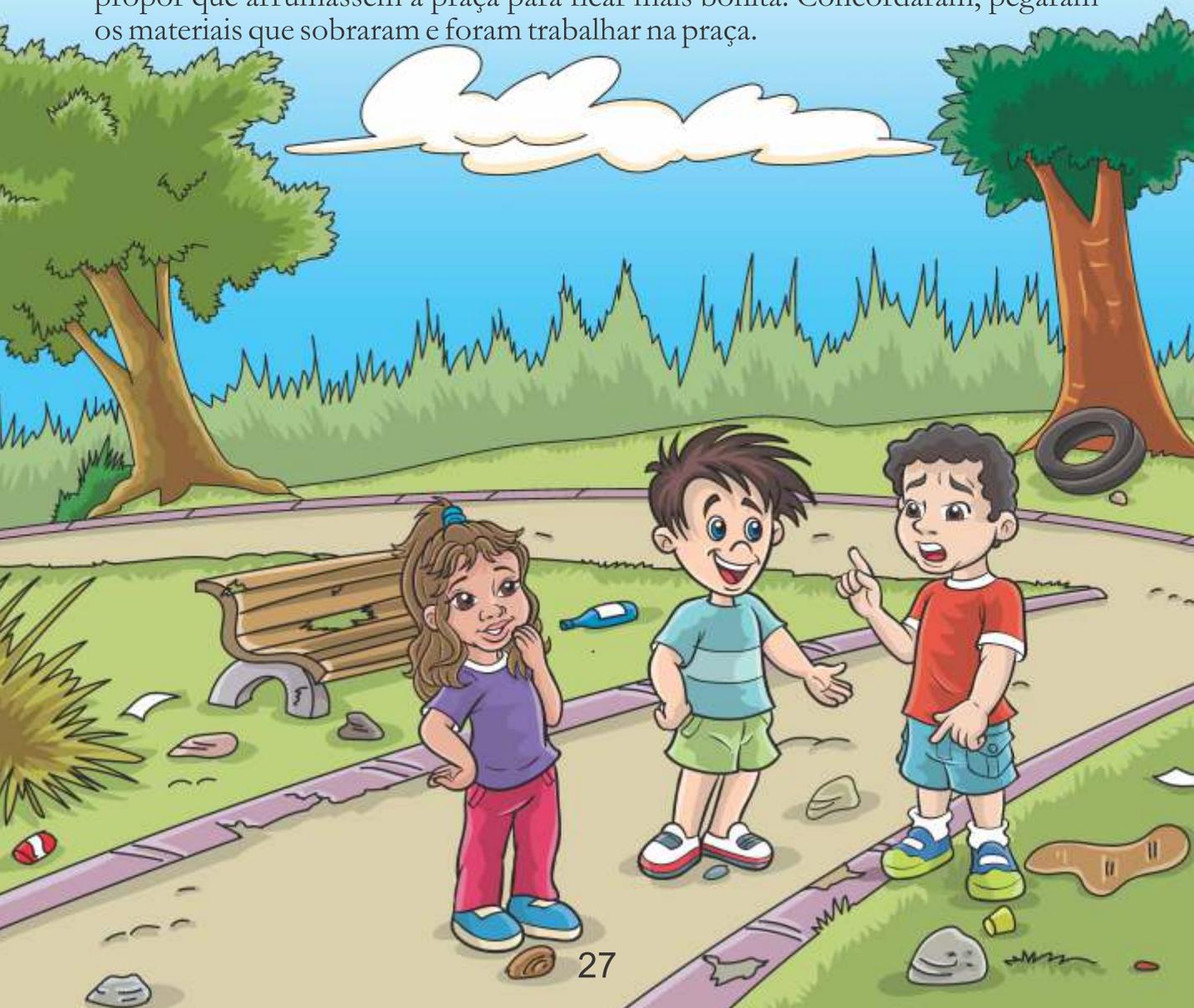
Quando já estavam entrando na escola, Bia chamou Quinho e Nick até a praça e falou: – Nossa escola agora ficou bonita, mas vejam como está a praça.

– Olha lá os três, o que será que vão querer aprontar desta vez? Vai sobrar pra nós, você vai ver. Tá de brincadeira! – falou Charles para o Fabrício.

– É, Bia está maltratada mesmo, mas no que você está pensando? – Disse Quinho.

– Sobraram tintas e bem que poderíamos pintar os bancos e tirar um pouco dessa sujeira. O que acham? – respondeu Bia.

Acabado o ensaio da fanfarra, Quinho falou que esperassem, pois queria propor que arrumassem a praça para ficar mais bonita. Concordaram, pegaram os materiais que sobraram e foram trabalhar na praça.





Lixaram e pintaram os bancos e guias, varreram, tiraram algumas pedras, e Bia pediu ao Tio Peleco para ir com ela no jardim da casa da avó dela pegar umas mudas de plantas.

Um senhor, vendo aquele movimento, aproximou-se. Todos pararam e ele perguntou: “Por que estão fazendo isso?”

Charles olhou para um lado e para o outro e respondeu; – Porque esta cidade é minha!

Nick perguntou: – Como é que é Charles?

– Porque está cidade é minha. Tá de brincadeira! – respondeu Charles e todos gritaram e aplaudiram

O homem não falou nada e começou a ajudar. Outros moradores vieram e quando Bia chegou com as mudas, uma vizinha trouxe mais mudas de seu jardim e também ajudou a plantar.

Tio Peleco, para fazer uma graça, pegou alguns instrumentos e chamou meia dúzia de garotos para tocar e foi aquele barulho, o que fez com que mais pessoas se aproximassem. Um serralheiro teve a iniciativa de trazer ferramentas e consertar os balanços e a gangorras que há muito não eram usados. Num grande mutirão foi tudo rápido e ficou uma beleza. Terminado, Quinho alertou a garotada que fossem rápido guardar as coisas e todos descansassem para o desfile que seria no dia seguinte.

Estavam saindo quando chegou Juraci, aquele amigo de Nick, e mostrou as fotos do muro da escola dele, também pintado e com a pintura e letreiro da entrada igual a da escola deles. “Como a de vocês, aquela escola é nossa!”, disse ele.





Finalmente chegou o grande dia do aniversário da cidade e o desfile da fanfarra. A fanfarra entrou na avenida, que estava toda enfeitada, dando “show”, tudo perfeito, resultado dos ensaios. Toque e batidas dos instrumentos sincronizados, tudo certinho. Ao passar em frente ao palanque deram uma parada, e, ao som da caixa repique, Bia apresentou coreografias, e Radar fez a sua exibição.

Foram aplaudidos e ficaram felizes pela participação nas festividades comemorativas do aniversário da cidade.

Acabado o desfile, a pedido da diretora, foram tocar na praça em frente à escola.

– Tocar mais ainda? Tá de brincadeira! – falou Charles para Fabricio.

Chegando à escola, lá estava montado um pequeno palanque. Quando começaram a tocar, a praça se encheu de pessoas, vizinhos e quem por ali passava.

Quando pararam, dona Anita, chamou ao palco Quinho, Bia Nick e Horácio representando a turma da fanfarra, pintura do muro e limpeza da praça. Ela elogiou a iniciativa e agradeceu o empenho e beleza do trabalho que fizeram. Por fim, chamou: – Que venha aqui, agora, o senhor Gilvanci, ou melhor, Tio Peleco para receber este certificado de agradecimento.

Tio Peleco, aplaudido, foi ao palco todo envergonhado, falando: “Gente, assim vocês me deixam encabulado”.

Foi um dia cansativo, mas valeu a pena, com o que até o Charles concordou, e os amiguinhos falaram para ele: “Tá de brincadeira!”



Livros infantis do autor



Autor - Laé de Souza
www.projetosdeleitura.com.br

Sobre o Autor



Jequeense, radicado em São Paulo há mais de 40 anos, Laé de Souza é cronista, dramaturgo, produtor cultural, bacharel em Direito e Administração de Empresas, escritor de livros dirigidos ao público infantil, juvenil e adulto. Autor de vários projetos de incentivo à leitura e coordenador do Grupo Projetos de Leitura há mais de vinte anos.

Peças teatrais: Noite de variedades, Casa dos Conflitos, Os Rebeldes, Viravolta na vida e Minha linda Ró.

Obras publicadas: Nos bastidores do cotidiano, Acredite se quiser!, Acontece.... e Espiando o mundo pela fechadura (impressão regular e em braile), Coisas de homem & coisas de mulher, a série infantil Quinho e o seu cãozinho Radar, Nick e Bia na floresta encantada (bilingue), dentre outros.

Projetos culturais: Ler é Bom, Experimente!, Caravana da Leitura, Dose de Leitura, Viajando na Leitura, Leitura no Parque, Leitura não tem Idade, Lendo na Escola.

Outras ações: Ao longo de sua carreira, Laé de Souza vem desenvolvendo várias ações de incentivo à leitura em todo o país: doação de livros de sua autoria para estudantes de escolas da rede pública, ONGs, hospitais, usuários de transportes coletivos, palestras para professores e estudantes, caravanas e oficinas literárias, distribuição de livros em casas, praças e parques públicos, edição anual de um livro com textos produzidos por estudantes participantes dos seus projetos de leitura.